



SEMINÁRIOS E LABORATÓRIOS VIRTUAIS DO GESTO DA FLORESTA
Um Convite a Complexidade

SEMINARIOS Y LABORATORIOS VIRTUALES DEL GESTO DE LA FLORESTA
Una invitación a la complejidad

GESTO DA FLORESTA SEMINARS AND VIRTUAL LABORATORIES
An Invitation to Complexity

Flavio da Conceição¹

<https://orcid.org/0000-0002-0927-7597>

Samila de Paula Niz²

<https://orcid.org/0009-0008-8558-6253>

Resumo

Esse artigo busca analisar algumas atividades artísticas realizadas nos Seminários e Laboratórios Virtuais do GESTO (Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido) da Floresta, vinculado a Universidade Federal do Acre. A partir de jogos e exercícios teatrais, o grupo reflete sobre as dualidades e complexidades do ser humano, buscando ampliar a percepção pessoal e coletiva dos participantes a partir das práticas artísticas e as rodas de conversas. Analisando conceitos como oprimido e opressor, luz e sombra o texto nos oferece questionamentos sobre a subjetividade humana, tendo como metodologia o Teatro do Oprimido.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido, Gesto da Floresta, Pedagogias das Florestas, Dualidade, Complexidade

Resumen

Este artículo busca analizar algunas actividades artísticas realizadas en los Seminarios y Laboratorios Virtuales del GESTO (Grupo de Estudios en Teatro del Oprimido) en Floresta, vinculado a la Universidad Federal de Acre. A partir de juegos y ejercicios teatrales, el grupo reflexiona sobre las dualidades y complejidades del ser humano, buscando ampliar la percepción personal y colectiva de los participantes a través de prácticas artísticas y círculos de conversación. Analizando conceptos como oprimido y opresor, luz y sombra, el texto nos ofrece interrogantes sobre la subjetividad humana, utilizando la metodología del Teatro del Oprimido.

¹ Professor Efetivo do Curso de Artes Cênicas e do PPGAC da Universidade Federal do Acre. Ator, diretor e Curinga de Teatro do Oprimido. Coordenador do GESTO da Floresta

² Graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Acre. Arte Educadora. Integrante do GESTO da Floresta e Co-coordenadora do Coletivo Rede MulherAções e do Projeto Escrevivências e Libertação.

Palabras clave: Teatro del Oprimido, Gesto del la Floresta, Pedagogías de las Florestas, Dualidad, Complejidad

Abstract

This article seeks to analyze some artistic activities carried out in the Seminars and Virtual Laboratories of GESTO (Group of Studies in Theater of the Oppressed) in Floresta, linked to the Federal University of Acre. Based on games and theatrical exercises, the group reflects on the dualities and complexities of the human being, seeking to expand the personal and collective perception of the participants through artistic practices and conversation circles. Analyzing concepts such as oppressed and oppressor, light and shadow, the text offers us questions about human subjectivity, using the Theater of the Oppressed methodology.

Keywords: Theater of the Oppressed, Forest Gesture, Forest Pedagogies, Duality, Complexity

Refletir sobre o trabalho do Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido da Floresta, coletivo que atua no Estado do Acre, em Rio Branco, é reviver sentimentos de pertencimento ao lugar onde moramos. É se conectar com as possibilidades ofertadas pela floresta. É questionar sobre nossas escolhas e percepções na construção de uma cultura de paz e um futuro que seja vivível para todos.

O GESTO da Floresta é um programa de pesquisa e extensão vinculado à Universidade Federal do Acre, que desde 2018 estuda e pratica a metodologia do Teatro do Oprimido com um olhar focado nas experiências e manifestações culturais e espirituais emanadas da floresta amazônica, em especial da floresta acreana. Em encontros permanentes os professores, pesquisadores, estudantes da graduação e da pós-graduação refletem e praticam os jogos e exercícios teatrais desenvolvidos por Augusto Boal, onde os ensinamentos ancestrais dos povos tradicionais das florestas e das comunidades populares são o alicerce e inspiração na construção do conhecimento e das práticas artísticas.

Durante a pandemia do COVID19, tivemos que adaptar nossas atividades para o formato remoto, e passamos a ofertar à comunidade acadêmica e aos interessados diferentes projetos práticos e teóricos de Teatro do Oprimido na linha do GESTO da Floresta³. Neste compêndio de

³ Com a experiência nos projetos de pesquisa e extensão, o GESTO da Floresta criou uma forma particular de praticar e teorizar o Teatro e a Estética do Oprimido, com base nas epistemologias das florestas, das plantas professoras da Amazônia e das tradições dos povos afro ameríndios. Uma base holística, que permeia vários campos do conhecimento humano, e não antropocêntrica. A partir do que nomeamos como Pedagogias das Florestas, onde a mediação do conhecimento não se dá exclusivamente pelo ser humano, mas pelas plantas, animais, seres vivos e

projetos, reelaboramos os Seminários Teóricos e Laboratórios Práticos de Teatro do Oprimido. Essa era uma prática realizada por Augusto Boal desde a época do Teatro Arena nos anos 60, onde os artistas se encontravam para discutir e experimentar as novas teorias e práticas de teatro engajado, Teatro Épico e Teatro Realista que Boal trouxe de seus estudos nos Estados Unidos. Durante o exílio e após sua volta ao Brasil, já no Centro de Teatro do Oprimido, os laboratórios e seminários sempre foram a base de construção de novas técnicas e desenvolvimento das teorias do Teatro do Oprimido.

Fomos selecionados via Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da UFAC para a realização do projeto Formação Gesto da Floresta: Seminários Teóricos e Laboratórios Práticos, onde dispusemos de três bolsas para estudantes da graduação. Realizamos a parte interna do projeto, com discussões teóricas e organização do material que seria exposto para a comunidade. Após aproximadamente 3 meses de preparação abrimos inscrições via formulário eletrônico para todo Brasil, no qual tivemos 22 inscrições. No decorrer do projeto ficamos com um número permanente de 6 participantes, todas mulheres, até o final das atividades. Dentre as participantes havia uma variação de formação acadêmica, além de conhecimentos sobre o Teatro do Oprimido variados, desde multiplicadoras antigas da metodologia até principiantes.

Nesse artigo pretendemos refletir e investigar algumas práticas teatrais realizadas durante os Seminários e Laboratórios virtuais do Gesto da Floresta e os impactos concretos e subjetivos nas participantes a partir do questionamento das dualidades e dicotomias. Nós seres humanos, somos sujeitos duais ou complexos?

Laboratórios e Seminários do GESTO da Floresta - Canais de Expansão artística, política e humana

Essa atividade de pesquisa e prática do GESTO da Floresta, ocorreu de maio a dezembro de 2021, de maneira virtual, com um público em sua maioria mulheres professoras, sendo de diferentes regiões do Brasil. O planejamento dos temas teóricos e das atividades práticas foram resultantes de inúmeras discussões que ocorreram na preparação interna do projeto e nas atividades anteriores, como os “Ciclos de Formação”, que foram rodas de conversa com professores, pesquisadores e mestres da cultura popular que compartilharam suas histórias conosco e

energias espirituais das florestas, o Gesto da Floresta encaminha suas atividades de pesquisa e prática artística com o TO.

nos impactaram, provocando novas ideias de como habitar este planeta de forma mais harmoniosa com a natureza e todos os seres que nela habitam.

Dentre muitas discussões que fizemos, destacamos a reflexão da socióloga e Curinga Bárbara Santos, que sistematizou o movimento do Teatro das Oprimidas. Ela traz uma importante discussão a respeito do sentido do título desse teatro provocador. Em sua obra *Raízes e Asas* (2016), Bárbara reflete sobre o conceito de oprimido:

A categoria oprimido remete imediatamente à existência de um correspondente, a categoria opressor e, inevitavelmente, à relação entre estes, a de opressão. Talvez por isso, haja certa rejeição ao nome do Método. Não raro, escutamos: Teatro do Oprimido? Oprimido: palavra “feia”, “dura”, “negativa”, “agressiva”, “pesada”. (SANTOS, 2016, p. 45).

Essa reflexão sobre o termo “oprimido” nos leva diretamente a entender que nesse contexto também há um opressor, o que está intimamente ligado aos ideais de dualidade que vivemos atualmente, onde tudo se conclui entre “isso ou aquilo”, entre o bem e o mal, entre dicotomias sem espaço para reflexões mais complexas ou novos pensamentos.

Na discussão proposta no texto *Oprimido e opressor, luz e sombra, sim-bólico e diabólico: processos de reflexão subjetiva na metodologia do Teatro do Oprimido na floresta* (2021), Flavio da Conceição e Rafael Correa, elucidam:

Apesar dessa problematização, continuamos na linha construída por Boal, com o Oprimido como foco, porém entendemos este como um ser complexo e por isso ambos, Oprimido e Opressor, estão constantemente surgindo ao longo de nossas vivências. (CONCEIÇÃO & CORREIA, 2021, p.10).

Nas discussões que tivemos ao longo dos nossos encontros no grupo de estudos e também nos Seminários, sempre tentamos fugir das dualidades e de respostas simples para perguntas complexas, o que nos leva a entender que a percepção de si e do outro é um cuidado diário, onde o ser humano é complexo, e não é só opressor ou oprimido.

Pertencente a esses caminhos está o “assumir-se”, que podemos identificar na própria ação de perceber a sombra em nós, ou nos percebermos na sombra, agindo a partir dela. Esse “assumir” é uma das etapas fundamentais na autonomia e que podemos, a partir dele, desvelar várias camadas da opressão, percebendo oprimidos e opressores, com consciência de nós em caminhos de sombra e de luz e nos assumindo como sujeitos complexos. (CONCEIÇÃO & CORREIA, 2021, p.10).

Assumir nossas complexidades é desvelar que não temos respostas para todas as questões. É assumir que não sabemos tudo e que estamos em processo de construção sendo seres inacabados, o que nos propicia aprendizados. Porém, quando se assume que não se sabe tudo, corre o risco do ego sair ferido, de tal forma que é mais fácil precaver e seguir no caminho contrário de reconhecer as complexidades.

Por isso, o caminho da dualidade tem cada vez mais sintetizado pensamentos e reflexões, onde o indivíduo não precisa se dar ao trabalho de refletir sobre determinadas construções de sentido. O caminho na simplicidade de sentidos dói muito menos que reconhecer processos que precisam ser desconstruídos e reformulados.

Se despir de ideais que foram moldadas em propostas que prejudicam outros indivíduos e a própria natureza, como por exemplo: o consumo desenfreado propiciado pelo capitalismo, ou formas de enriquecer em cima de pessoas e do nosso planeta, são movimentos que dialogam também com nossos processos de adoecimentos, porque nesse momento, do olhar para si, precisamos reconhecer que somos opressores em diferentes esferas, onde fazemos uso muitas vezes do racismo, da homofobia, machismo etc. Precisamos reconhecer que não somos perfeitos e muito menos duais.

Nesse sentido, Ailton Krenak (2019) com suas poéticas questionadoras, acerca dos modos implantados desde o início da colonização que explora, anula e cerceia direitos dos povos originários, limitando-os com o intuito de estabelecer um silenciamento cultural dentro do território brasileiro, agrega imensamente e dialoga com a linha holística e não antropocêntrica do GESTO da Floresta.

Krenak, em seus livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *A vida não é útil* (2020) de forma direta, nos diz que além de não se comer dinheiro, não contribuimos para a natureza com as atividades que inventamos. “Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós” (Krenak, 2020, p.10). No nosso coletivo, a natureza possui papel essencial em todas as nossas atividades, pois ela está no centro da mediação do conhecimento. Nossa relação com o chão que pisamos, com os chás que bebemos, com os alimentos que consumimos e os nossos modos de viver, influenciam diretamente nossa prática. Acreditamos que tudo está conectado, e justamente quando perdemos conexões importantes, com a natureza, por exemplo, perdemos também o real sentido de estar e viver num planeta que está vivo.

O GESTO da Floresta acredita na ação radical de uma revolução AMAda e não ARMAda, onde o amor e a fraternidade podem ser os caminhos para a re-humanização do ser humano, e por isso sempre questiona: Qual Teatro do Oprimido é necessário para a sociedade atual? Como podemos usar o Teatro do Oprimido para suspender o céu, como nos sugere Ailton Krenak (2019)?

Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. (p. 18).

Durante a pandemia, aconteceram muitas produções artísticas no âmbito virtual, como as *Lives* de artistas famosos, grupos de estudos *on-line*, oficinas de artesanatos, aulas de música, lançamentos de livros, *podcasts*, entrevistas e todo tipo de subterfúgio tecnológico para nos anestesiarmos das mortes de milhares de pessoas ao nosso redor, de um vírus que batia à nossa porta. Pessoas que trabalhavam e se movimentavam muito fora de casa, foram obrigadas a se adaptar, dentro do ambiente familiar, algumas foram estimuladas a estar sempre produzindo, se não se sentiam culpadas. Outras tendo realidades e possibilidades de escolhas diferentes, ficaram ansiosas e deprimidas e tiveram que lidar com outros problemas e demandas que foram surgindo. Por outro lado, muitos artistas tiveram que buscar novas formas de sustento durante a pandemia, através de editais culturais e se reinventando. Boa parte desses processos aconteceram com os integrantes do nosso próprio coletivo, onde cada um estava em sua casa e em Estados diferentes, tentando se conectar, fazer teatro juntos e também sobreviver.

Por conta da absorção desses problemas que a pandemia nos trouxe, do cansaço das redes sociais, da tentativa de aproveitar o tempo ocioso com algo produtivo, com a pressão das instituições de ensino para não “perdermos” tempo, o GESTO da Floresta buscou discutir e experimentar no corpo proposições que nos levassem a refletir sobre um novo olhar para a floresta. Como esses ensinamentos tradicionais poderiam nos apoiar enquanto indivíduos fragmentados pela sociedade do cansaço, mas ampliando nossa percepção para o coletivo, sempre conectados com a necessidade de um futuro digno, equitativo e pacífico para todas as formas de vida. Era um exercício para o estímulo da cultura de paz, através do Teatro do Oprimido.

Uma das atividades que utilizamos para dialogar entre essas dicotomias foi o jogo *Dança da Sombra*⁴, onde cada participante deveria dançar com a luz de uma vela, jogando com a nossa própria luz e sombra. “Nós também somos um pântano, e temos que abraçar esse pântano, não tem como sermos só jardim”, comentou uma das participantes do laboratório após a execução desse exercício.

O jogo era simples, guiados por uma música instrumental, colocamos uma vela acesa e projetamos nossa sombra na parede. Cada participante em seu espaço entrava na dinâmica do jogo e nós, professores, íamos guiando a atividade. Trabalhamos movimentos corporais em conexão com essa sombra, que aumenta ou diminui, que nos cobre ou é coberta por nós, de acordo com os movimentos corporais e imagens criadas na luz.

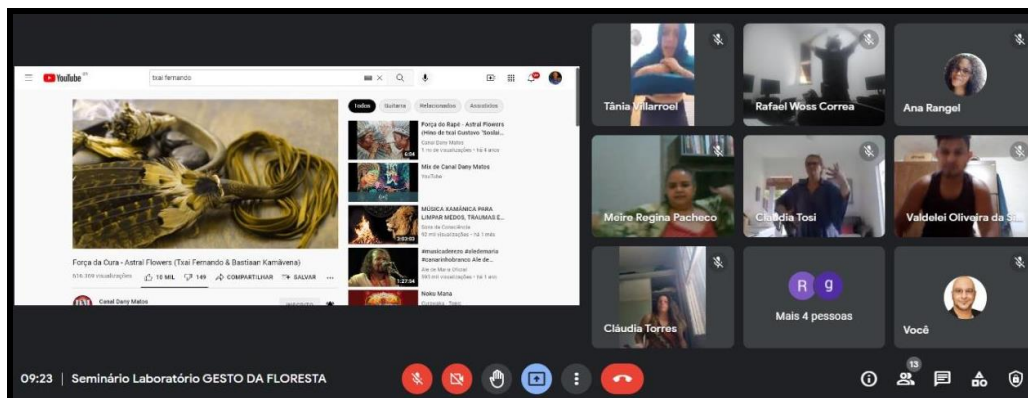


Imagem 1 - Print da Tela durante o exercício Dança da Sombra

Fonte: Vídeo dos Seminários e Laboratórios

Durante o exercício, ao colocar a vela sobre a mesa, eu Samila, entrelacei as mãos em cima da cabeça e tentei fazer com que a sombra chegasse à minha frente, mas a minha luz e minha sombra se dissipavam quando a mão unida chegava à minha frente. Isso me fez pensar: será que a sombra é má e o mal é realmente desconhecido? Impulsionada pela dança com a vela, por perceber como estava reclusa em mim, escrevi o poema abaixo, logo após o exercício.

Nessa dança eu sinto vontades...

Vontade de ficar no plano baixo

⁴ Os jogos e atividades relacionadas neste artigo são experimentos do GESTO da Floresta. Alguns podem ser adaptações dos Jogos propostos por Augusto Boal, outros são experimentações a partir dos debates e reflexões do grupo.

Vontade de mexer apenas o quadril
 Vontade de fazer movimentos mais fechados.
 Nessas vontades eu vejo...
 A cor laranja.
 Na cor laranja eu per-ce-bo que tô reclusa demais em mim
 Preciso me expandir
 Mergulhar nesse laranjal
 Fruir nas minhas curvas
 Apreciando o todo.
 Eu quero...o que eu quero? o que eu preciso ?
 Eu quanto CORPO, preciso do quê?

O poema reflete as sensações do experimento, onde um corpo estranho, cheio de processos de adoecimentos de autores não identificados - não se sabe o que ou quem exatamente causou determinada dor, mas há consciência da existência dela - se vê com necessidade de se cuidar e expandir.

A partir desse experimento foi possível localizar quais lugares precisavam de autocuidado, de uma atenção especial individual, mas também do coletivo, pois o mesmo ocorreu com mais pessoas do grupo. Sensações de corpos que já haviam se acostumado a trabalhar de casa, postos sentados em frente a uma tela o dia inteiro. Privados da sensibilidade de se autoperceber em prol da alta produtividade e da sensação “recompensadora” de conclusão de tarefas.

A forma de vivência virtual, com a carência do contato mais próximo, nos obrigou a conhecer elementos de memória e de imaginação que nos mostram a possibilidade de conexão que temos, sentindo a outra pessoa mesmo a partir de telas, acessando interligações existenciais. Essa situação de pandemia nos indicou que nossas conexões vão além de cabeamentos e antenas, enfraquecendo elementos de propriedades materiais difundidas pelo modelo capitalista. A vivência a partir da terra, das conexões energéticas, vai além de uma globalização sistêmica, oportunizando aproximações de conceitos defendidos pelos povos tradicionais, nos quais somos conectados existencialmente, com todas as formas de materialidades e imaterialidades. (CONCEIÇÃO & CORREIA, 2021, p.03).

Durante nossa roda de conversa pudemos compartilhar as sensações de libertação e de opressão vivenciadas no processo. Uma experiência sentida primeiro no corpo, no sensível, para depois ser compreendida pela razão.

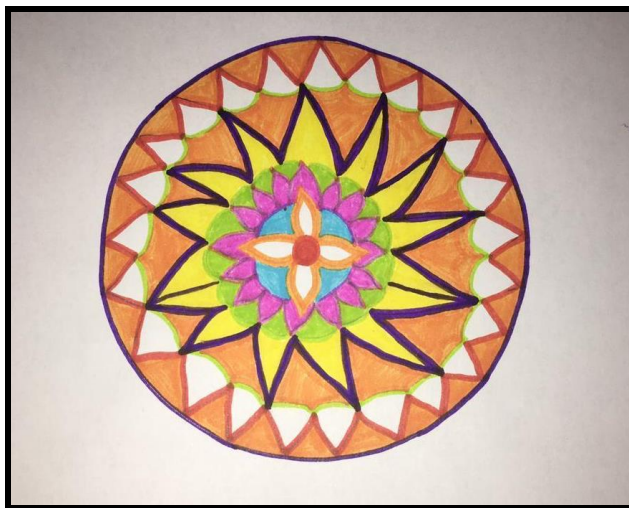


Imagem 2 - Mandala - Atividade de Sinestesia durante o laboratório.

Fonte: Samila de Paula.

O exercício finalizou com os desenhos de mandalas e o compartilhamento de impressões do coletivo. Na mandala ilustrada acima, o laranja foi a cor idealizada que mais se destacou no processo. Conforme a movimentação ia sendo feita a cor ia se intensificando em minha mente. A mandala representa o movimento contínuo, infinito, que mostra a transformação do ser. Por isso foi escolhida como elemento gráfico para representar as sensações que o corpo sentiu na dança das sombras.

Cada pessoa no seu processo visualizou e acabou trabalhando uma cor diferente, verde, azul, amarelo, se percebendo, expandindo na movimentação, realizando movimentos mais abertos ou se retraindo no chão em posição fetal, por exemplo. E cada um trabalhou com a sombra de modo a se comunicar e percebê-la, onde a sombra faz parte de quem somos, não sendo negligenciada ou esquecida.

Talvez, o maior ganho desse exercício seja perceber nosso corpo a partir do nosso próprio olhar e das nossas próprias sensações, além de dialogar diretamente com nossa sombra. Já que não olhamos diretamente para nós com frequência, mas sim através de outro meio como o

espelho. E nesse olhar muito se perde, a imagem refletida nem sempre corresponde a como de fato estamos e somos.

Todo esse debate sobre nossa luz e sombra internas aprofundou nossa reflexão sobre a complexidade humana, não nos compreendendo como oprimidos e opressores de forma definitiva, mas em constante trânsito. A consciência dessa possibilidade de assumir atitudes opressoras e nocivas à sociedade nos traz a responsabilidade de escolher eticamente não atuar como opressores na vida cotidiana.

Outro exercício que questionou a dualidade humana e nos trouxe reflexões frutíferas foi o *Espelho das Virtudes*, que tem a seguinte orientação:

1ºMomento: (com um espelho em frente ao rosto) fechar os olhos e lembrar as afirmações negativas, os defeitos que as pessoas já lhe disseram sobre seu corpo. (tempo). Abrir os olhos e observar seu próprio rosto no espelho e dizer em voz alta “com energia” todas as frases lembradas, como se fossem aquelas pessoas.

2ºMomento: Fechar os olhos e respirar, imaginando tudo que já disseram de bom sobre o seu corpo. Abrir os olhos e olhar para o espelho e dizer “com força” todas as frases positivas.

3ºMomento: Todos fecham os olhos pela última vez e respiram fundo. Por fim respiram profundamente e se olham através do espelho, em silêncio.

No Laboratório do GESTO da Floresta, esse exercício proporcionou muitas reflexões. Surgiu, na roda de conversa, comentários como: “Você falar pra si o que têm de ruim é muito libertador” ou o comentário abaixo:

Minha namorada está aqui ao lado, então eu pedi para ela falar os meus defeitos. E eu ficava pensando: “será que eu sou isso mesmo?” Porque a gente tem dificuldade em saber os defeitos da gente. Eu repetia, mas ficava me questionando... (Depoimento de uma participante do Laboratório do GESTO da Floresta).

Esse exercício, ao propor que o indivíduo reconheça e dialogue com suas qualidades e defeitos, ao mesmo tempo, nos faz refletir sobre nossa individualidade dentro da complexidade. Se não somos inteiramente uma coisa ou outra, o quê somos então? “Eu acho que os defeitos e as qualidades se equilibram [...] você não é ruim demais, mas também não é boazinha demais”. comentou outra participante da atividade.

E essa é a beleza de ser humano, de estar vivo, pois não somos duais e temos um oceano de possibilidades dentro de nós. Não somos iguais a mais ninguém, pois como afirma Boal

(2009) não há um grão como outro na areia da praia ou nas dunas do deserto. Somos todos diferentes. E como nos inspira Krenak (2019), já que “(...) definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações” (pág. 19).

Também como dizem Conceição e Correia (2021), “o equilíbrio e o desequilíbrio estão acontecendo constantemente em nossa existência, individualmente, coletivamente e cosmologicamente”.(p.12). Desse modo, parece impossível definir um indivíduo na dualidade, porque se assim o fizer, o limita a ser uma coisa que por definição não abre margem para reflexão poética de se desconstruir, se refazer melhor, e muito menos para viver rasgando-se e remendando-se como nos indica o poeta Guimarães Rosa (2009).

Conclusão

Olhar e cuidar de nós e do outro, nunca foi tão precioso e necessário. Num mundo onde cada vez mais o pensamento individualista e a camuflagem dos problemas se materializam como possibilidade fictícia de uma vida melhor, ignorando o coletivo para o bem de uma minoria.

E durante a pandemia os Seminários e Laboratórios do GESTO da Floresta foram esse espaço de troca, de reflexão, de prática artística e política, mas também de autodescoberta e autocuidado. Cuidado consigo e com o outro, que faz parte da mesma família planetária.

A indígena, historiadora, escritora, ilustradora, artesã das palavras e das cores Aline Rochedo Pachamama - Churiah Puri, nos contempla muito bem com essa passagem. “Falar é trazer à luz situações desconfortáveis, memórias de dor. Superações. Mas aprendemos que compartilhar as alegrias também é um ato de coragem”. (PACHAMAMA, 2018, p.14). Que saibamos falar e escrever nossas histórias com a poética que Aline Pachamama nos elucida, e nos direciona para o bem viver.

Referências

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CONCEICAO, Flavio da; CORREA, R. W. **Oprimido e opressor, luz e sombra, sim-bólico e dia-bólico: processos de reflexão subjetiva na metodologia do teatro do oprimido na floresta**. In: XI Congresso ABRACE 2021, 2021. XI Congresso da ABRACE Artes Cênicas e Direitos Humanos em Tempos de Pandemia e Pós-Pandemia, 2021. v. 21. p. 01-18.

GUIMARÃES ROSA, João. **Tutaméia: Terceiras estórias**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

KRENAK, Ailton. **O Amanhã não está à venda**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Guerreiras = M'baima miliguapy: mulheres indígenas na cidade. Mulheres indígenas na aldeia**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2018.

SANTOS, Barbara. **Teatro do Oprimido - Raízes e asas: uma teoria da práxis** 1ª Ed, 2016, Editora Ibis Libris.

Depoimentos dos participantes dos Seminários e Laboratório do GESTO da Floresta através dos vídeos dos encontros virtuais. - Acervo GESTO da Floresta